

# MOVIMENTOS ANTAGONISTAS FRENTE À MUDANÇA LINGUÍSTICA EM LIBRAS: UM ESTUDO SOCIAL E ETNOGRÁFICO

Indira Simionatto Stedile Assis Moura <sup>1</sup>

Marcela Costa Silvestre <sup>2</sup>

Nayana Lariny de Moraes Soares <sup>3</sup>

José Arnor de Lima Júnior <sup>4</sup>

## RESUMO

O processo de criação e inventividade no âmbito linguístico, nas últimas décadas, tem sido visto como uma busca da afirmação de grupos minoritários, os quais veem a linguagem como instrumento de controle e poder. No entanto, essa evolução nem sempre é aceita de maneira unânime dentro dos pares. Setores mais conservadores manifestam resistência frente às mudanças linguísticas, especialmente aquelas associadas à expressividade, temendo que tais alterações comprometam a padronização e a inteligibilidade da Libras. A pesquisa aqui apresentada tem por objetivo analisar os movimentos antagonistas à mudança linguística na Libras, buscando compreender como certos segmentos da comunidade surda reagem às inovações propostas por perspectivas como os estudos surdos, que sugerem uma maior flexibilização e expansão do repertório linguístico. O estudo está fundamentado nos Estudos Surdos, nos Estudos Culturais e na Análise Dialógica do Discurso, utilizando como instrumento metodológico entrevistas semiestruturadas com lideranças da comunidade surda. Os resultados apontam que, para uma parcela dos surdos, a adoção de novas formas linguísticas pode ser vista como uma ruptura que ameaça a estabilidade da Libras, enquanto, para outros, a resistência à mudança reflete a influência de práticas autoritárias – uma relação evidente se manifesta nas forças centrípetas e centrífugas que se digladiam na constituição do dizer. Dessa forma, o embate entre inovação e conservação revela a complexidade das dinâmicas internas da comunidade surda e a forma como a linguagem é negociada como um espaço de identidade e poder.

**Palavras-chave:** Grupos minoritários, Movimento surdo, Mudança linguística.

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) tem sido entendido pelas normativas legais – a exemplo da Lei da Libras (Brasil, 2002) e do Decreto da Libras (Brasil, 2005) – tanto como um sistema linguístico complexo quanto como um pilar fundamental para a afirmação cultural e a luta política da comunidade surda brasileira.

<sup>1</sup> Doutoranda em Linguística da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, [indirastedile@gmail.com](mailto:indirastedile@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Letras Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, [mnycosta95@gmail.com](mailto:mnycosta95@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduanda em Letras Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, [nayana.soares1990@gmail.com](mailto:nayana.soares1990@gmail.com);

<sup>4</sup> Professor orientador: Mestre em Educação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE [josearnor.lima@ufpe.br](mailto:josearnor.lima@ufpe.br)



Nesse contexto, o desenvolvimento e a inventividade linguística se manifestam como uma poderosa ferramenta de empoderamento para grupos minoritários, que utilizam a linguagem como instrumento para negociar identidade, visibilidade e poder. Apesar disso, esse processo de evolução interna e de expansão do repertório da Libras, muitas vezes impulsionado por novas perspectivas teóricas, como os Estudos Surdos, não é recebido de forma homogênea. Do contrário, o avanço da flexibilização e da expressividade linguística tem provocado intensa polarização.

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender as fissuras e resistências que se manifestam no seio da própria comunidade surda. Enquanto a criação de novos sinais e a busca por uma maior "visualidade" são celebradas por alguns como um sinal de autonomia e evolução, setores mais conservadores manifestam forte resistência, temendo que tais alterações – muitas vezes associadas à expressividade e à criação de novos glossários – comprometam a padronização e a inteligibilidade da Libras, vendo-as como uma ameaça à estabilidade da língua. Este antagonismo revela a complexa dinâmica de poder e a negociação ideológica que permeiam o ato de falar ou sinalizar em qualquer comunidade linguística.

Diante desse cenário, o presente artigo tem por objetivo central analisar os movimentos antagonistas à mudança linguística na Libras, buscando compreender como e por que determinados segmentos da comunidade surda reagem às inovações propostas, ao mesmo tempo em que identifica as tensões que se estabelecem entre a busca por padronização e a expansão do repertório linguístico. Em última instância, esta investigação visa desvelar como a linguagem é negociada como um espaço de identidade e poder, cujas dinâmicas refletem o embate constante entre as forças centrípetas e centrífugas que se digladiam na constituição do dizer na Libras.

## **METODOLOGIA**

Este estudo está situado no campo da Linguística Aplicada (LA), reconhecendo que o antagonismo em torno da mudança na Libras transcende a análise puramente estrutural da língua e se manifesta como um fenômeno social e político. A escolha pela LA se justifica, portanto, pela sua capacidade de investigar as práticas linguísticas em contextos de conflito ideológico e luta por poder, conforme preconizado por Moita Lopes (2006) ao discutir a natureza indisciplinar da área. A abordagem adotada é qualitativa e



de paradigma interpretativista – essencial para capturar as nuances e as representações ideológicas dos atores sociais envolvidos na disputa pela norma e pela evolução da Libras.

O embasamento teórico-metodológico do trabalho é tripartite e visa fornecer profundidade à análise dos dados. A pesquisa se apoia fundamentalmente nos Estudos Surdos e nos Estudos Culturais, que permitem situar a Libras não apenas como um sistema de comunicação, mas como um elemento central da identidade e da experiência de minorias (Skliar, 2006). Complementarmente, a análise do material empírico é orientada pela Análise Dialógica do Discurso (ADD). Este referencial teórico de Bakhtin (2006) é crucial, pois permite que o conflito entre inovação e conservação seja lido como um embate de vozes sociais e ideologias, identificando-se as manifestações concretas das "forças centrípetas e centrífugas" que se digladiam na constituição do dizer das lideranças surdas.

Para a coleta de dados, o instrumento metodológico central empregado foram as entrevistas semiestruturadas. Essa escolha metodológica viabilizou a obtenção de narrativas e posicionamentos de dois participantes – as referidas lideranças da comunidade surda. Embora um roteiro temático tenha sido utilizado para direcionar a conversa para os focos da pesquisa (como a aceitação de neologismos, a pressão por padronização e a percepção de autonomia linguística), a flexibilidade da entrevista semiestruturada foi fundamental para permitir que as subjetividades e as distintas posições ideológicas em relação à mudança na Libras fossem plenamente expressas.

Vale salientar que essas entrevistas foram realizadas em língua de sinais e, posteriormente, traduzidas para a língua portuguesa. A respeito do processo de transposição semiótica, foi realizada tradução livre, o que implica em reconhecer as especificidades culturais concernentes a ambas as modalidades linguísticas, seja oral-auditiva, seja visual-espacial.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A relação entre identidade, visualidade, cultura e comunidade surda é indissociável, sendo mediada primariamente pela Língua de Sinais. Para além de um código linguístico, a língua de sinais é o principal vetor de constituição da experiência e da forma de ser no mundo da pessoa surda. A identidade surda, portanto, não é definida primariamente pela condição audiológica, mas sim pelo pertencimento a um grupo



sociocultural que compartilha uma língua visual-espacial e, por meio dela, uma cultura própria.

A visualidade emerge como a característica definidora desta cultura e desta identidade. O acesso à informação e a interação social ocorrem por meio do canal visual, o que implica uma profunda diferença na forma de percepção, cognição e organização do mundo. Conforme Strobel (2008) argumenta, a cultura surda é intrinsecamente visual, e a língua de sinais é a expressão máxima dessa experiência. A visualidade não é apenas o meio de comunicação; ela molda a produção cultural, o humor, os valores e, crucialmente, a própria Libras. A ênfase na iconicidade e na utilização do espaço tridimensional para a construção de significado reflete essa centralidade visual.

A cultura surda se desenvolve a partir das experiências compartilhadas, dos artefatos visuais e das narrativas de resistência frente a um mundo predominantemente ouvinte. Autores como Skliar (2006) e Perlin (2006) destacam que a comunidade surda se estabelece como um grupo minoritário que historicamente teve sua língua e sua forma de ser oprimidas pelo "ouvintismo" e pela busca da normalização clínica. Nesse contexto, a língua de sinais se torna um símbolo de resistência e afirmação, essencial para a construção de uma identidade surda positiva, baseada no orgulho da diferença linguística e cultural. A forma como a comunidade lida com a mudança linguística — seja aceitando sinais novos e mais visuais, seja resistindo a eles — é, na verdade, uma negociação constante de sua identidade e dos limites de sua cultura. Portanto, a língua, a visualidade e a cultura se entrelaçam de forma complexa para formar o que se reconhece como a Comunidade Surda.

A construção da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como um sistema autônomo e culturalmente soberano é um campo de batalha ideológico que pode ser perfeitamente analisado sob a lente da dialógica bakhtiniana, onde as forças de centralização e descentralização do discurso se digladiam. Bakhtin, especialmente em sua discussão sobre as forças centrípetas e centrífugas, ensina que a língua nunca é monolítica; pelo contrário, é atravessada por uma intensa heteroglossia (plurivocidade e plurilinguismo) (Bakhtin, 2006). As forças centrípetas atuam para unificar e impor uma norma única, buscando estabilidade e uma "língua comum," enquanto as forças centrífugas trabalham para a estratificação social, a diferenciação de "linguagens" de grupos e a inovação.

Na realidade da comunidade surda, as forças centrípetas são drasticamente reforçadas pela ideologia do ouvintismo (Skliar, 2006). O ouvintismo não é apenas a negação da diferença, mas a imposição de uma tirania colonial que condiciona o surdo a



ter sua manifestação linguística avaliada e moldada pela Língua Portuguesa. Essa pressão se manifesta no desejo de setores conservadores de manter a Libras "pura" ou "oficial" através da contenção de neologismos visuais, preferindo práticas como o empréstimo lexical direto ou o uso excessivo da datilologia, que são estruturas linguisticamente ligadas à modalidade oral-auditiva. Para esses grupos, a estabilidade e a "inteligibilidade" da Libras são percebidas como dependentes da proximidade com a língua majoritária, um reflexo do processo de colonização discursiva onde a língua do dominador é internalizada como o padrão de correção.

Em um ato profundo de resistência e afirmação, a comunidade surda, impulsionada pela busca de sua identidade e soberania cultural, mobiliza as forças centrífugas do discurso. Essas forças encontram sua máxima expressão na criação de sinais icônicos, visuais e espaciais, que se desprendem da estrutura do Português e refletem a experiência visual intrínseca à cultura surda (Quadros; Karnopp, 2004). O desenvolvimento de uma língua que é autêntica à sua modalidade de percepção — a visualidade — é a materialização da Deafhood (Surdidade), conceito desenvolvido por Ladd (2003) para descrever o processo ativo de descoberta e afirmação da identidade surda e cultural, em oposição ao termo "surdez" de conotação clínica. A criação de sinais que não apenas se opõem à tirania colonial, mas que também enriquecem a heteroglossia da Libras, é um ato político. Tais inovações representam a recusa em aceitar a língua portuguesa como "muleta," e demonstram a capacidade da Libras de se expandir e evoluir a partir de suas próprias regras e da sua própria experiência cultural. O conflito entre a norma centrípeta do ouvintismo e a inventividade centrífuga da comunidade surda é, portanto, o motor da autonomia e da vitalidade da Libras no cenário linguístico brasileiro.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A fim de explicitar as categorias as quais emergiram após análise do *corpus*, serão analisados dois trechos, cada qual de um líder da comunidade surda. Com vistas a preservação da identidade, eles serão referidos como Líder x e Líder Y.

Acerca do primeiro dos representantes, apresenta-se o trecho a seguir, no qual se evidencia a resistência à mudança por parte de setores mais conservadores:

É... a gente tem que lutar, porque tem grupos, sim, que veem as mudanças da Libras como um erro. Eles acham que tem que ter uma Libras 'certa', aquela mais antiga. Quando a gente usa um sinal novo, bem visual, que a comunidade



jovem inventa, eles falam que 'não é bonito' ou que é 'língua pobre', sabe? Isso é o ouvintismo disfarçado. Eles não querem que a nossa língua se desenvolva com a nossa cara, com a nossa visualidade. Querem que a gente use o Português como muleta, entende? O que é nosso, a nossa cultura, eles querem limitar (Lider X entrevistado).

O discurso da Lider X sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) ilustra o dinamismo conflituoso da vida linguística na perspectiva bakhtiniana, marcada pelo embate entre as forças centrípetas e centrífugas. As forças centrífugas, responsáveis pela descentralização e pela estratificação da língua, são encarnadas pela comunidade jovem que cria e utiliza sinais novos, bem visuais. Essa variação constitui um exemplo de línguas de gerações e reflete a dinâmica de uma língua viva, que, ao se desenvolver, amplia e aprofunda seu plurilinguismo social em consonância com sua cultura e visualidade próprias.

Em oposição, as forças centrípetas, que buscam a centralização e a unificação, são representadas pelos grupos que condenam esses novos sinais como um erro ou língua pobre, insistindo na necessidade de uma Libras “certa”, ou seja, mais antiga e normativa. Essa crítica é um esforço para impor uma língua sócio-ideológica que limita a variação em nome de um padrão centralizado. A Lider X interpreta esse movimento como ouvintismo disfarçado, denunciando a tentativa de subordinação da Libras a uma lógica ou estética imposta pela cultura dominante, visando o uso do Português como muleta e, portanto, buscando limitar a autonomia e o desenvolvimento genuíno da língua da comunidade surda.

Por fim, a própria enunciação da Lider X ("a gente tem que lutar...") constitui o ponto onde esses processos de centralização e descentralização se cruzam. Ao nomear e defender ativamente o direito da Libras de se desenvolver por meio da variação jovem e visual, ela se posiciona a favor das forças centrífugas e participa ativamente do plurilinguismo social e histórico da Libras. Essa participação ativa não apenas descreve o conflito ideológico inerente à língua, mas também demonstra como a enunciação individual é o palco vivo onde a luta pela forma, cultura e desenvolvimento da linguagem é travada.

Dando prosseguimento a análise, o Líder Y exemplifica como esse antagonismo se mostra também por parte do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (TILS):

Pois é, tem uma resistência muito forte, principalmente de alguns intérpretes antigos, é... tipo assim, quando a gente começa a criar um glossário em Libras que prioriza a visualidade total, sabe? A gente quer um sinal que seja icônico,



que use o espaço de um jeito super novo, mas eles dizem que é 'errado', que é 'gíria', ou que não é 'oficial'. Eles querem que a gente continue fazendo empréstimo do Português, tipo o sinal soletrado, entende? Eles não entendem que a Libras tá evoluindo, que a gente tá criando autonomia. É uma briga de poder (Lider Y entrevistado)

A discussão do Líder Y sobre a resistência à inovação na Libras ecoa de maneira contundente o quadro bakhtiniano da luta entre as forças centrípetas e centrífugas que animam a vida de toda língua. A busca da comunidade jovem por criar um glossário que prioriza a visualidade total, com sinais icônicos que utilizam o espaço de modo super novo, representa a manifestação das forças descentralizadoras e centrífugas. Essa tendência é a busca pela autonomia linguística e cultural, um movimento análogo ao modo como os gêneros prosaicos e, historicamente, o romance, se constituíram na corrente das forças descentralizadoras ao incorporar o plurilinguismo e as vozes sociais em evolução. O desejo de um desenvolvimento interno reflete a dinâmica de uma língua que está se "evoluindo" e reafirmando sua identidade para além de qualquer modelo normativo.

Em contrapartida, a resistência muito forte dos intérpretes antigos que desqualificam essas inovações como "errado," "gíria," ou "não oficial", e exigem o empréstimo do Português (como o sinal soletrado), personifica as forças centrípetas. Esses grupos demonstram uma orientação para a unidade, a qual, segundo Bakhtin (2006), levou a linguística e a filosofia da linguagem a focar nos aspectos mais estáveis e normativos do discurso, ignorando a consciência linguística real, saturada de ideologia e a plurivocidade autêntica. Ao rejeitarem a criação visual em favor de sinais mais próximos à lógica da língua dominante, eles buscam fixar a Libras em um sistema estável e centralizado, limitando a capacidade da língua de se estratificar e se diferenciar socialmente.

Assim, a briga de poder mencionada pelo Líder Y é, em essência, o conflito ideológico descrito por Bakhtin. O rótulo de "gíria" ou "não oficial" para os sinais icônicos é o equivalente funcional da repressão dos gêneros verbais, portadores das tendências descentralizantes ou o desprezo pelos gêneros considerados inferiores (anedotas, canções de rua) que, na história europeia, soavam nos palcos populares, parodiando e se opondo às línguas oficiais do seu tempo. O Líder Y e sua comunidade, ao lutarem por uma Libras autônoma e visual, estão engajados em um plurilinguismo dialogizado que confronta e questiona a norma estabelecida, recusando que sua língua



permaneça uma variante subserviente, dependente do modelo verbal-ideológico imposto pelas tendências centralizantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo, ao analisar os discursos das lideranças da comunidade surda (Lider X e Lider Y), confirmou que a Libras não é um sistema homogêneo, mas sim um campo de intensa disputa ideológica e linguística. Os resultados apontam claramente para a existência de movimentos antagonistas que se organizam em torno do desenvolvimento da língua. De um lado, manifestam-se as forças centrífugas, representadas pela comunidade jovem e pelos defensores da autonomia, que impulsionam a criação de sinais novos, visuais e icônicos, buscando o pleno desenvolvimento da Libras em consonância com sua cultura e experiência visual. De outro, atuam as forças centrípetas, personificadas por grupos conservadores e intérpretes antigos, que buscam a unificação, condenando a variação como "erro" ou "língua pobre" e privilegiando o empréstimo do Português como forma de garantir uma estabilidade normativa.

Essa briga de poder, conforme definida pelos entrevistados, é a manifestação exata do dinamismo linguístico na perspectiva bakhtiniana. Para Bakhtin (2006), a vida da língua é inseparável dessa tensão: toda enunciação é o ponto de cruzamento onde a tendência à norma (centrípeta) colide com a tendência à estratificação e ao plurilinguismo social (centrífuga). No contexto da Libras, o aspecto mais crítico dessa luta é a identificação das forças centrípetas com o ouvintismo disfarçado. O desejo de impor uma Libras "certa" e limitar sua visualidade à custa da hegemonia do Português não é meramente uma questão de gramática, mas uma tentativa de subordinação cultural.

A relevância dessa análise reside, portanto, na compreensão da constituição do surdo como sujeito no mundo. Se, como argumenta Bakhtin, a consciência e a palavra são inseparáveis – onde a palavra é sempre saturada de valor social e ideológico –, a luta pela autonomia da Libras é, fundamentalmente, a luta pela autonomia do sujeito surdo. Ao rejeitar o empréstimo linguístico e ao criar sinais que refletem a visualidade total de sua experiência (Lider Y), os surdos se engajam em um ato de resistência que garante que sua identidade e sua cultura não sejam mediadas ou colonizadas pelo discurso ouvinte. A defesa das forças centrífugas é, em última análise, a defesa do direito do surdo de se constituir integralmente no mundo através de uma linguagem que seja, em sua forma e



essência, a expressão autêntica de sua diferença. A vitalidade da Libras reside, ironicamente, na manutenção desse conflito e na incessante ampliação de seu plurilinguismo.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 261-306.
- LADD, Paddy. **Understanding Deaf Culture: In Search of Deafhood**. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Uma Linguística Aplicada Mestiça e Ideológica: Intersecções e Desdobramentos. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 13-41.
- PERLIN, Gladis T. O corpo da alma: o caminho de si. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em educação: mais além do "esquizo" e do "logos". In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006. p. 11-37.
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

